

Paloma Díaz-Mas e Elisa Martín Ortega (eds.), *Mujeres sefardíes lectoras y escritoras, siglos XIX-XXI*, Madrid, Iberoamericana, 2016, 384 pp. ISBN: 978-84-8489-933-4.

Esta obra resulta de um projecto de investigação intitulado “Los sefardíes ante sí mismos y sus relaciones con España III: hacia la recuperación de un patrimonio cultural en peligro”¹, tendo também como ponto de partida algumas das conferências e reflexões produzidas no âmbito de um colóquio celebrado no ano de 2012 no Centro de Ciencias Humanas y Sociales do Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

A estrutura do livro parte da conceptualização de um binómio no modo de encarar as mulheres integradas na chamada diáspora sefardita: por um lado, as formas de transmissão cultural (a importância da transmissão oral do conhecimento, por exemplo) e, por outro, as mulheres enquanto escritoras. A obra divide-se em três grandes partes. A primeira “Mujeres y literatura: de la cultura oral a la transmisión escrita”, que aborda as produções culturais destinadas a mulheres; a segunda, “Mujeres sefardíes escritoras (siglos XIX al XXI)” evoca as mulheres enquanto agentes produtores de cultura escrita. Aqui podemos encontrar alguns retratos de mulheres escritoras com tipologias de trajectórias de vida bastante diversas. Por fim, o investigador Eliezer Papo (Universidade Ben-Gurion do Neguev)

apresenta uma edição crítica do texto “Avia de ser, escena de la vida de un tiempo, kon romansas” da autoria da escritora bósnia, Laura Papo.

Com o contributo de 20 investigadores, este trabalho cobre uma variedade de autoras e de geografias da diáspora sefardita, incidindo numa cronologia que compreende os momentos históricos tão condicionantes da vivência destas comunidades, como foram a desagregação do Império Otomano e a Primeira Guerra Mundial e, sobretudo, a devastação provocada pelo extermínio nazi no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

As editoras, Paloma Díaz-Mas e Elisa Martín Ortega apresentam uma longa introdução (pp. 9-54) intitulada “Lecturas para Mujeres y Mujeres escritoras en la cultura sefardí”, na qual expressam os principais pressupostos teóricos que presidem ao livro, bem como, no final, introduzem também uma detalhada bibliografia. Realça-se a importância de analisar o papel da mulheres nas sociedades sefarditas tradicionais, e o acesso destas mulheres à cultura e, sobretudo, à produção literária. Nas palavras de Díaz-Mas e Martín Ortega “El aprendizaje de la lectoescritura se convierte así en un medio de empoderamiento de las mujeres” (p. 9).

A introdução, tal como toda a obra em geral, centra-se num período-chave da história das comunidades sefarditas da diáspora: os séculos XIX e XX. As autoras apresentam várias reflexões sobre as mudanças e as novas configurações educativas e culturais deste período histórico, no qual não deixa de ser fundamental a mudança que provocou a fundação em Paris, no ano de 1860, da Alliance Israélite Universelle e a posterior

¹ Mais informações sobre este projecto podem ser encontradas na página web Sefardiweb. <http://sefardiweb.com/node/1> (Consultada a 14 de Outubro de 2018).

disseminação desta instituição. Díaz-Mas e Martín Ortega realçam o quão importante foi a Alliance na escolarização das mulheres sefarditas “para las mujeres sefardíes, estas escuelas occidentales, y especialmente las de la Alliance, supusieron una revolución cultural” (p. 20).

Nesta introdução, as editoras apresentam também uma periodização das escritoras sefarditas, divididas por gerações: 1900-1930; 1930-1960; as que nasceram nos anos 60 e 70 do século XX. Acrescenta-se também uma secção sobre a produção de autobiografias e memórias, muitas das quais não foram escritas em judeu-espanhol. Esta introdução conclui-se precisamente com uma reflexão sobre o contexto em que sobrevive esta língua nos dias de hoje, decidindo as coordenadoras publicar textos em espanhol e em judeu-espanhol, reivindicando, para esta última, um lugar como língua académica.

Formada por 6 contributos, a primeira parte do livro revela uma grande diversidade temática. Tamar Alexander, em judeu-espanhol, recupera e analisa os *refrains* transmitidos oralmente pela sua própria mãe. Trata-se, pois, de uma visão académica sobre um legado familiar.

O segundo contributo, da autoria de Teresa Madrid Álvarez-Piñer e de Paloma Díaz-Mas dedica-se a uma tipologia de obras fundamental para se compreender o nível de literacia feminina: os manuais escolares. No entanto, o enfoque das autoras é o de compreender e identificar os estereótipos transmitidos nesses manuais no tocante a questões de género.

Katia Šmid aborda os “conselhos” transmitidos na obra *Yoré de á*, um texto de

literatura rabínica para o público feminino. No mesmo sentido, Tania Rivlin analisa *Las Madres Judías de la Época Bíblica*, da autoria de Zemach Rabiner. Neste texto do autor asquenazita, as matriarcas bíblicas servem de modelos a seguir pelas mulheres sefarditas do século XX.

Seguimos para um conjunto de textos dedicados à imprensa periódica e à sua relação com o público feminino. María Sánchez Pérez estuda os conteúdos destinados a mulheres em alguns periódicos como *Ilustra Guerta de Istoría* ou *Yerushalayim*. Yvette Bürki e Aitor García Moreno analisam pormenorizadamente a publicidade destinada a mulheres na imprensa periódica dos Balcãs. Sobressai deste último texto o papel das mulheres enquanto potenciais consumidoras.

Na segunda parte do livro, dedicada às escritoras sefarditas, contam-se 9 contributos. Gila Hadar apresenta uma reflexão sobre a figura de Reyna Cohen, autora de uma autobiografia inédita e próxima de círculos de espiritualidades místicas.

A trajectória de uma figura fascinante deste mundo feminino da diáspora é-nos oferecida por Elena Romero, com o caso de uma jornalista que assinava alguns artigos no periódico *La Época*, publicado em Salónica, com o *nom de plume* “Mlle. Elisa”.

Seguem-se outras biografias que resgatam estes vultos femininos, esquecidos pelas vicissitudes da história. Susy Gruss dedica-se à multifacetada figura de Esther Morguez Algranti (1916-1984), natural de Esmirna. Željko Jovanović leva-nos para a Bósnia de Gina Camhy (1909-1990). Krimka Vidaković-Petrov redescobre a figura da *partisana* Jamila Kolonomos, nascida na Macedónia.

O artigo de Jelena Filipović e de Ivana Vućina-Simović compara duas autoras contemporâneas de novelas autobiográficas: Rosa Nissán (México) e Gordana Kuić (Sérvia). O texto sublinha as dinâmicas e as tensões no binómio identidade sefardita e identidade de género presente na obra destas duas autoras.

Michael Studemund-Halévy dedica-se à escritora e jornalista búlgara Gracia Albuhayre que, depois de uma longa carreira como jornalista em língua búlgara, recorre ao judeu-espanhol como língua destinada à criação poética.

Os dois últimos contributos dão o mote para pensar nas escritoras sefarditas na actualidade. Agnieszka Zarębska debruça-se sobre a importante poeta israelita contemporânea Margalit Matitiah, estudando mais concretamente a figura da “mãe” na obra desta poeta. Pilar Romeu Ferré tece uma abordagem mais ampla sobre livros de memórias e novelas autobiográficas produzidos em época recente, no Norte de África.

Somando todos estes contributos, estamos na presença de um livro colectivo com grande coerência na problemática apresentada e na estrutura escolhida. Sem dúvida, o papel das mulheres sefarditas de

finais do século XIX até aos dias de hoje torna-se, a partir da leitura deste livro, numa realidade complexa, longe de estereótipos e apriorismos que conferem a estas mulheres um papel secundário e unívoco nas sociedades do seu tempo. Aliás, o próprio plural do título “Mujeres Sefardíes”, sinaliza que se trata de uma realidade múltipla.

Por outro lado, tanto a segunda parte da obra com os seus vários exemplos de mulheres escritoras, como o texto inédito de Laura Papo, publicado no final do livro, mostram que existe um *corpus* documental que aguarda edições críticas e estudos académicos aprofundados. *Corpus* esse que, apesar da ameaça de extinção que paira sobre o judeu-espanhol, continua a ser renovado e ampliado com novas gerações de escritoras que reclamam o uso desta língua como forma de expressão literária e como afirmação de vínculos com um passado remoto que querem fazer renascer.

SUSANA BASTOS MATEUS

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto
Benveniste – Universidade de Lisboa
CIDEHUS – UÉvora
CEHR – UCP